

POR QUE NOS *FLA X FLUS* ERA UM “AI JESUS”? A CONSTRUÇÃO DA RIVALIDADE ENTRE FLAMENGO E FLUMINENSE E O IDEÁRIO DA IDENTIDADE NACIONAL BRASILEIRA

Renato Soares Coutinho¹

Resumo: Em 1963, Flamengo e Fluminense disputaram a partida de futebol entre clubes com o maior público da história do Brasil. Em campo, estava em jogo mais do que a decisão do campeonato da cidade do Rio de Janeiro. Símbolos e identidades sociais correntes permeavam as disputas simbólicas que eram divulgadas pela imprensa esportiva. Neste artigo, meu objetivo é demonstrar como Nelson Rodrigues e Mario Filho, maiores expoentes da crônica esportiva brasileira, fizeram do clássico mais do que um embate desportivo. Na direção do *Jornal dos Sports*, os dois jornalistas transformaram o *Fla x Flu* na metáfora síntese da identidade nacional brasileira.

Palavras-chave: Futebol, identidade nacional, imprensa esportiva.

Why in Fla x Flus was an "ai Jesus"? The construction of the rivalry between Flamengo and Fluminense and ideas of Brazilian national identity

Abstract: In 1963, Flamengo and Fluminense played a football match between clubs with the largest audience in history. In the field, more than a game was in contest. Symbols and current social identities permeated the symbolic disputes that were released by the sports press. In this article, my target is to demonstrate how Nelson and Mario Rodrigues Filho, greatest exponents of Brazilian sports chronicle, made the game more than a sporting confrontation. With the *Journal of Sports*, the two journalists turned the *Fla x Flu* the metaphor of the Brazilian national identity.

Keywords: Football, national identity, sporting press.

¹ Universidade Castelo Branco, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: rscoutinho@hotmail.com

Introdução

Cento e setenta e sete mil e vinte pagantes (ASSAF & GARCIA, 2010, p. 47). Somando ainda os convidados, os profissionais da imprensa e os que pularam o muro, mais de duzentas mil pessoas estiveram no Estádio do Maracanã no dia 15 de dezembro de 1963. Naquela tarde foi realizada a partida de futebol entre clubes com o maior público da história do futebol brasileiro. O jogo entre Flamengo e Fluminense, que decidiu o campeonato carioca de 1963.

Em vários aspectos, os tempos eram outros. A renda da partida, que ultrapassou cinquenta e sete milhões de cruzeiros, se fosse convertida para a moeda atual, indicaria o preço médio dos ingressos custando R\$ 3,16.² Em 2013, no primeiro jogo do Flamengo após a reforma do Maracanã para a Copa do Mundo de 2014, o ingresso mais barato foi vendido a R\$100,00. Além da disparidade do preço, os hábitos dos torcedores do antigo Maracanã também indicavam a facilidade para entrar nos eventos sem ingresso. Por exemplo, era possível trocar de setor dentro do estádio. É comum ouvir das pessoas que estiveram no jogo o mesmo relato. Tentaram entrar na arquibancada, não conseguiram por estar muito cheia, imediatamente seguiram para o setor da geral, na parte inferior do estádio. Essa flexibilidade no controle do acesso dos torcedores, inimaginável nas arenas atuais, certamente permitia o ingresso de milhares de indivíduos gratuitamente.

Contudo, mesmo com regras e preços mais flexíveis, não era recorrente a realização de jogos de futebol para mais de cem mil pessoas. Em 1962, ano em que o Flamengo também chegou a final do campeonato carioca, a média de público do clube foi de quarenta e seis mil pagantes em dez jogos disputados.³ Ou seja, mesmo sendo mais acessível, não era corriqueira a ocorrência de públicos do montante que foi visto na final de 1963 no Maracanã.

É certo que eram os clássicos entre os grandes clubes da cidade que despertavam a atenção do público e da imprensa. No início dos anos 1960, o Botafogo de Garrincha arrastava multidões, a favor e contra, que iam ao campo para ver a maior estrela da Copa do Mundo de seleções de 1962. Mané Garrincha, ponta-direita que entortava seus marcadores, conseguia a proeza de entreter até mesmo os torcedores adversários que faziam questão de ir ao Maracanã, mesmo cientes da iminente derrota para o time da estrela solitária. Por esse motivo, eram mais comuns grandes assistências em jogos do Botafogo.

A genialidade do Mané com a bola tornava os jogos do alvinegro carioca a maior atração desportiva da cidade do Rio de Janeiro. Mas, desde os anos 1930, com o processo de profissionalização do futebol carioca e com a ampliação dos meios de comunicação dedicados ao

²O método do cálculo está disponível em: <http://oglobo.globo.com/esportes/campeonato-brasileiro-2013/nunca-mais-194604-presentes-9461911>, último acesso em 04 de abril de 2015.

³Sobre a média de público dos jogos de futebol do Clube de Regatas do Flamengo, ver: http://www.flamengo.com.br/flapedia/M%C3%A9dias_de_P%C3%BAblico_do_Flamengo_no_Maracan%C3%A3_ano_a_ano, último acesso em 04 de abril de 2015.

esporte, a rivalidade mais comentada do futebol era a que envolvia o Flamengo e o Fluminense. O tricolor e o rubro-negro, instituições protagonistas no processo que culminou com o fim do regime amadorista no futebol carioca, contavam com um respaldo midiático desigual em relação aos outros clubes da cidade. No *Jornal dos Sports*, periódico especializado mais vendido do país na época, os dois clubes da zona sul carioca tinham o privilégio, inclusive, de terem uma alcunha específica que fazia referência ao confronto; uma marca que transcendia aos próprios times: o *Fla x Flu*.

Porém, mesmo com grande prestígio na imprensa, os dois rivais não se cruzavam muito nas rodadas decisivas. O Vasco da Gama, clube hegemônico nos anos 1950, e o Botafogo, principal equipe dos anos 1960, invariavelmente estavam nas decisões e venciam os campeonatos. Nesse período, os tradicionais América e Bangu ainda faziam frente aos maiores clubes da cidade e, esporadicamente, também frequentavam as principais posições na tabela de classificação. Na era do futebol profissional, que teve início em 1933, o *Fla x Flu* foi o jogo decisivo do campeonato carioca apenas duas vezes até 1963: em 1936 e em 1941, tendo sido o Fluminense o campeão em ambas as decisões.

Depois de vinte e dois anos sem uma decisão de campeonato envolvendo os dois rivais, o carioca de 1963, ao contrário de todas as expectativas, teve seu desfecho em um jogo decisivo que daria o título ao tricolor ou ao rubro-negro. Não era propriamente uma final. Era na verdade o último jogo de um campeonato disputado em turno e retorno com pontos corridos. O Bangu, que ao longo da disputa despontou como o favorito ao título, não conseguiu manter o desempenho nas últimas rodadas. Após o inesperado fracasso da equipe banguense, Flamengo e Fluminense chegaram à última rodada se enfrentando para decidir o título.

Diante do fim do longo jejum de *Fla x Flu*s decisivos, os irmãos Mario Filho e Nelson Rodrigues, principais responsáveis pela divulgação do imaginário que identificava o clássico, não perderam a chance de transformar o futebol em um palco para a atuação das representações sociais correntes na época. Em 1963, ao se falar sobre o *Fla x Flu*, falava-se sobre tudo. Em 1963, havia em campo mais do que um jogo de futebol.

Meu propósito neste artigo é investigar a cobertura feita pela imprensa esportiva do Rio de Janeiro para o *Fla X Flu* decisivo de 1963. O objetivo central é demonstrar como Mario Filho e Nelson Rodrigues, expoentes máximos da crônica futebolística da época, encontraram na decisão do campeonato de 1963 a oportunidade ideal para realizar o projeto que vinha sendo gestado desde os tempos da profissionalização do futebol: transformar o jogo entre Flamengo e Fluminense na metáfora síntese da identidade nacional brasileira.

O *Fla X Flu* imaginado

Entre os debatedores mais apaixonados, é comum a polêmica que envolve o surgimento dos dois clubes. De um lado, há aqueles que insistem em dizer que o Flamengo foi fundado a partir do Fluminense. Do outro, há

os que dizem que o Fluminense foi fundado por dirigentes do Flamengo. Nos programas esportivos, essas discussões ainda fazem sucesso. Para a historiografia, esse debate não carece de grandes reflexões.

Essa questão é simples. O Clube de Regatas do Flamengo foi fundado em 1895 sem um departamento de desportos terrestres. Ou seja, a instituição era exclusivamente voltada para a prática do remo, esporte muito admirado no Rio de Janeiro da última década do século XIX. O Fluminense Football Club foi fundado em 1902, por desportistas ingleses que queriam praticar o futebol. Sendo assim, o Fluminense não possuía atletas praticantes de remo. Pela diferença dos objetivos das agremiações, um voltado para o remo e o outro para o futebol, não havia rivalidade entre os dois. Ao contrário, era comum que sócios de uma instituição frequentassem a outra. A ata de fundação do Fluminense confirma isso.⁴ Um dos fundadores do tricolor, Virgílio Leite, era sócio do Flamengo e chegou a ser presidente do rubro-negro.

Já em 1911, a direção do Flamengo, na época apenas um tradicional clube de regatas, cedeu à pressão dos associados e autorizou a abertura do departamento de desportos terrestres. O Fluminense, que passava por uma crise interna, acabou perdendo os jogadores titulares que resolveram compor o novo time de futebol que se formava no rubro-negro. É certo que a decisão de abandonar o Fluminense contribuiu para o nascimento de uma tensão entre os clubes. Nelson Rodrigues expressou na crônica *Irmãos Karamazov* o sentido da rivalidade desde os primórdios da relação entre os clubes.

Até que, um dia, houve uma dissidência no Fluminense. Eu gostaria de saber que gesto, ou palavra, ou ódio deflagrou a crise. Imagino bate-bocas homicidas. E não sei quantos Tricolores saíram para fundar o Flamengo. Hoje, nos grandes jogos, o Estádio Mário Filho é inundado pela multidão rubro negra. O Flamengo tornou-se uma força da natureza e, repito, o Flamengo venta, chove, troveja, relampeja. Eis o que eu pergunto: - Os gatos pingados que se reuniram, numa salinha imaginavam as potencialidades que estavam liberando? Há um parentesco óbvio entre o Fluminense e o Flamengo. E como este se gerou no ressentimento, eu diria que os dois são os irmãos Karamazov do futebol brasileiro (MARON FILHO e FERREIRA, 1987).

Porém, apesar de ser extremamente sedutor aos olhos dos leitores, o conhecido estilo do dramaturgo não expressa com precisão a maneira como os dois clubes construíram suas relações na época do surgimento do futebol rubro-negro. Em vez de gestos homicidas, o que se verificou foi o decisivo apoio da direção do Fluminense a fim de permitir ao Flamengo iniciar sua participação já na primeira divisão do futebol

⁴A ata de fundação do Fluminense Football Club está digitalizada e disponível em: <http://www.fluminense.com.br/site/futebol/historia/capitulo-i-o-surgimento/a-fundacao-do-clube/>, último acesso em 5 de abril de 2015.

carioca (MAZZONI, 1950). Nos anos que se seguiram até a implantação do regime profissional no futebol do Rio de Janeiro, Fla e Flu preservaram um estreito vínculo entre as direções e o quadro de associados.

Somente nos anos 1930 a rivalidade dos torcedores das ruas começou a ganhar contornos identitários nítidos. Mas, antes de abordar a invenção do *Fla x Flu*, é importante compreender a conjuntura política que envolvia as instituições desportivas naquele período. A década de 1930, repleta de reviravoltas institucionais em todos os níveis da sociedade brasileira, alterou definitivamente os rumos do futebol no Brasil. Nessa década, as cisões das federações por conta dos embates entre amadoristas e profissionalistas enfraqueciam com frequência os selecionados brasileiros que atuavam no exterior.⁵ A Confederação Brasileira de Desporto – CBD – instituição amadora que organizava o futebol brasileiro, ficava impedida de convocar jogadores que houvessem aderido ao profissionalismo. O próprio fracasso da seleção de futebol na Copa do Mundo de 1934 ocorreu em função desse problema. Diante do cenário de desacordos que atrapalhavam o rendimento do futebol brasileiro, o Estado brasileiro interveio no campo desportivo para por fim aos conflitos.

No Rio de Janeiro, o ano de 1933 foi decisivo para a disputa entre os dois modelos de gestão do futebol. A criação da Liga Carioca de Futebol, entidade profissional que tinha como objetivo organizar um novo campeonato, gerou uma divisão entre os clubes da cidade. Fluminense, Flamengo, Vasco da Gama, Bangu, América e Bonsucesso aderiram à liga profissional recém-criada. Botafogo, São Cristovão, Olaria e mais nove clubes de menor expressão permaneceram filiados à Associação Metropolitana de Esportes Athleticos – AMEA – entidade amadora reconhecida pela CBD. Essa divisão fez surgir dois campeonatos na cidade do Rio de Janeiro, um entre clubes amadores e outro entre profissionais. O cenário de ruptura perdurou até 1937, quando o modelo profissional, com apoio manifesto dos agentes estatais, saiu vitorioso.

Em 1934, por conta de uma desavença entre dirigentes vascaínos e rubro-negros em uma prova de remo, o Vasco da Gama decidiu abandonar a liga profissional e reingressou na associação amadora. Isso fez com que entre 1935 e 1937, os grandes clubes da cidade ficassem disputando torneios diferentes. De um lado, Vasco e Botafogo na competição amadora; do outro, Flamengo e Fluminense na liga profissional.

Nos embates políticos e desportivos da época, é importante destacar que Flamengo e Fluminense, no momento de inflexão

⁵O ponto nevrálgico do debate entre amadoristas e profissionalistas era o dos contratos que garantiam a remuneração dos jogadores. Os defensores do amadorismo alegavam que o pagamento aos jogadores acabaria com o vínculo afetivo entre clube e atletas. Os defensores do profissionalismo defendiam a permissão para a assinatura dos contratos de trabalho especialmente porque seus clubes já recrutavam atletas fora dos quadros sociais da instituição. Sobre o assunto, ver: NAPOLEÃO, Antonio Carlos. *História das ligas e federações do Rio de Janeiro (1905-1941)*. In SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. & SANTOS, Ricardo Pinto dos. (orgs.) *Memória social dos esportes/ Futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: MAUAD/FAPERJ, 2006

administrativa dos clubes de futebol no Brasil, permaneceram alinhados durante todo tempo em torno do projeto profissional que seria o vencedor. Esse dado é bastante relevante quando associado a outro aspecto: o papel da imprensa no processo de implantação do profissionalismo.

A cobertura esportiva já existia no Rio de Janeiro desde os princípios do século XX. Práticas como o remo, o boxe e o turfe eram amplamente divulgadas pelos periódicos cariocas. O futebol, por sua vez, gradativamente ganhava cada vez mais espaço nas páginas dos jornais. A febre de *football*, como mostra o historiador Leonardo Pereira, crescia na era do amadorismo na medida em que o campeonato da cidade despertava o interesse de ilustres *sportsmen* da elegante juventude carioca.

Mas o futebol amador encontrava limites inerentes à visão social dos seus dirigentes e jogadores. Para os amadoristas, o esporte devia ser voltado para a difusão dos valores civilizatórios. A formação pedagógica dos jovens da elite carioca era o escopo do jogo. E a imprensa, ciente da função social do desporto, divulgava o futebol como um exercício físico capaz de aprimorar as funções orgânicas dos jovens educados (PEREIRA, 2000, p. 115).

Na era do amadorismo, o vínculo simbólico entre os clubes de futebol e o torcedor comum ainda não havia criado o seu canal de comunicação. Ainda não existia no Rio de Janeiro algum comunicador que escrevesse ou falasse sobre futebol para o trabalhador, para o sujeito que chutava bola nos descampados do subúrbio. A imprensa esportiva dos anos 1910 e 1920, tão elitizada quanto os frequentadores dos principais clubes, circunscrevia o futebol a uma prática restrita aos espaços requintados.

Apenas nos anos 1930, em meio ao avanço do profissionalismo, surgiu um novo modelo de cobertura esportiva dedicada ao futebol. Com uma linguagem avessa aos refinamentos da elite e voltada para as representações culturais que cercavam o jogo, esse novo formato de cobertura esportiva visava interpretar o Brasil através do futebol. O criador desse estilo até hoje batiza o Maracanã: o jornalista Mario Filho.

Mario Filho passou os primeiros anos da década de 1930 no jornal *O Globo* a convite do empresário e amigo Roberto Marinho. Filho vivia às voltas com dificuldades financeiras desde o fechamento da redação do jornal *A Crítica*, fundado pelo pai Mario Rodrigues, e da tragédia que se abateu sobre a família após o assassinato do irmão Roberto Rodrigues. Mas em 1936, a história de Mario Filho mudou junto com a história do futebol brasileiro.

Em parceria com os empresários José Bastos Padilha, Arnaldo Guinle⁶ e Roberto Marinho, Mario Filho adquiriu o *Jornal dos Sports*, que até então era dirigido pelo jornalista Argemiro Bulcão. O *JS* dos tempos de Bulcão dedicava a maior parte das páginas para o boxe e o turfe. Mas com a chegada de Mario Filho, o futebol ganhou as primeiras páginas.

⁶Respectivamente, os presidentes do Flamengo e do Fluminense e os principais responsáveis pela criação da Liga Carioca de Futebol, entidade profissional.

Logo nos primeiros meses a frente do jornal, Filho organizou o primeiro de muitos eventos que seriam patrocinados pelo JS. A “competição das torcidas”, evento idealizado pelo jornalista, tinha como objetivo “marcar novos rumos ao processo de torcer do público brasileiro” (JORNAL DOS SPORTS, 29 de dezembro de 1936). Nessa competição, o principal quesito avaliado era a capacidade de intervenção do público nas partidas. Mais do que um espectador, o torcedor passava a ser um agente do espetáculo.

A competição das torcidas terá início hoje. Bastaria esse fato para dar ao Fla-Flu uma atração nova, inteiramente inédita. A iniciativa do JS promovendo o sensacional certamente objetivou a arregimentação de torcedores. Não somente os dois teams adversários se empenharão em um grande cotejo. Também haverá nas archibancadas, nas geraes, nas cadeiras, o duelo das torcidas – gritos, hurras, cartazes, hymnos, alleguas. Tentaremos portanto introduzir no Brasil o que se faz nos Estados Unidos, adoptando porém essa Competição das torcidas *ao feitio brasileiro* (JORNAL DOS SPORTS, 15 de dezembro de 1936).

Por ter sido realizado no ano de 1936, as torcidas que protagonizaram o evento foram as duas representantes dos maiores clubes da cidade que disputavam o campeonato profissional: a rubro-negra e a tricolor. Ávido defensor do profissionalismo, Mario Filho privilegiou imensamente a cobertura dos dez *Fla x Flus* que foram realizados somente no ano de 1936, deixando Vasco e Botafogo em segundo plano no espaço da mídia esportiva.

É muito comum a memória do futebol brasileiro exaltar Mario Filho e Nelson Rodrigues como os dois arquitetos da identidade do *Fla x Flu* por conta das suas respectivas preferências clubísticas. Rodrigues, tricolor declarado, e Filho, rubro-negro contido, contribuíram indiscutivelmente para o crescimento dos clubes dos seus corações. Mas antes de torcedores, Mario Filho e Nelson Rodrigues eram intelectuais comprometidos com um projeto de nação. O futebol e, mais especificamente, o *Fla x Flu* serviram como campo de atuação dos dois irmãos.

No livro “O negro no futebol brasileiro”, Mario Filho delineia com clareza os fundamentos do seu projeto para o futebol brasileiro. Publicado em 1947, o clássico livro do jornalista tem em suas primeiras linhas a máxima que norteou toda a carreira do autor: “Há quem ache que o futebol do passado é que era bom. De quando em quando a gente esbarra com um saudosista. Todos brancos, nenhum preto” (FILHO, 2003, p.29).

Preliminarmente, antes de qualquer análise mais sofisticada, é possível afirmar que Mario Filho foi o primeiro autor a sistematizar uma crítica social ao futebol dos tempos do amadorismo. Futebol que era, segundo ele, excludente. Porém, durante muitos anos, o pensamento social brasileiro dedicou a maior parte do seu tempo e esforço a questão

menos importante da análise do livro. Seja por antipatia ao fundamento teórico de Mario Filho, que foi buscar na visão positiva de Gilberto Freyre⁷ as bases do seu projeto de identidade nacional, seja pela desconfiança das questões que não fossem nomeadas como conflitos de classe, os analistas brasileiros passaram décadas debatendo se o argumento de Mario Filho era racista ou não (SOARES, 1998). Com isso, negligenciaram o que há de melhor na obra: o argumento desenvolvimentista do autor.

Para Mario Filho, o profissionalismo esportivo tornou-se uma estratégia de inclusão social do negro. Ao contrário das teses amadoras, que viam na mercantilização do futebol o sinal da sua derrocada⁸, Filho entendeu que somente através de um processo de formalização do trabalho o futebol brasileiro poderia romper as barreiras impostas pelo passado aristocrático amadorista.

De fato, a questão central do livro é analisar a ascensão social do negro através do futebol. Portanto, um argumento inegavelmente de cunho racial, não necessariamente racista. Para construir esse argumento, Filho retornou aos tempos do amadorismo para mostrar como o futebol era elitista e como os clubes faziam questão de preservar a postura aristocrática. Porém, com o aumento das rivalidades entre as agremiações e com gradativa entrada de jogadores negros nas equipes de futebol, os clubes passaram a viver as contradições do discurso elitista em oposição ao processo de popularização da prática do esporte. Nos anos 1930, o sucesso de jogadores como Leônidas da Silva e Domingos da Guia no selecionado nacional acabou abrindo caminho para que o futebol se tornasse um espaço de realização material e simbólica dos atletas negros, processo esse que somente foi consolidado com a vitória da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1958, liderada pelo representante máximo da inclusão social do negro no Brasil, o jogador Pelé.

Nesses termos, a ascensão social é vista como uma conquista obtida pelo mérito profissional dos atletas negros. E, portanto, o profissionalismo pode ser visto como o ponto central da argumentação de Mario Filho. A questão racial está posta no título e em toda a narrativa. E não tinha como não estar, na medida em que o comportamento aristocrático das elites brasileiras mantinha uma íntima relação com as hierarquias sociais fundadas nos tempos da escravidão. Mas, em nenhum momento do livro, Mario Filho destacou que a superação das práticas racistas significava a ascensão de uma “democracia racial”. O que ele ressaltou nos diversos casos relatados de jogadores negros foi que o futebol contribuía para a construção de uma sociedade moderna, onde o esforço e o mérito do jogador eram recompensados de forma material e

⁷Sobre o assunto, ver: PALLARES-BURKE, Maria Lucia. *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos*. São Paulo: UNESP, 2005.

⁸É muito interessante notar como o discurso saudosista com base na idéia de “amor a camisa” ainda seduz grande parte da imprensa brasileira. O jornal O Lance! realizou em 2014 um enquête pela internet para avaliar a opinião dos torcedores sobre o assunto. http://www.lancenet.com.br/minuto/amor-camisa-futebol-brasileiro_4_551384858.html, último acesso em 15 de abril de 2015.

simbólica. E essa recompensa só podia ocorrer graças a entrada dos jogadores negros nos clubes através das contratações profissionais.

No momento de redefinição dos padrões institucionais do futebol brasileiro, Flamengo e Fluminense estavam na hora certa no lugar certo: ao lado da imprensa defensora do profissionalismo e ao lado do estado intervencionista defensor da regulamentação do trabalho. Mario Filho, que dirigia o periódico esportivo mais vendido do Brasil, tinha ao seu lado não apenas os clubes do coração da família Rodrigues. Ele tinha nas páginas dos jornais as duas instituições desportivas capazes de promover a modernização do desporto brasileiro.

Na competição das torcidas de 1936, rubro-negros e tricolores foram os grandes contemplados pela mídia. Novos agentes do futebol, os torcedores desses dois clubes foram incluídos no jogo. Essa inclusão tornava pública a manifestação de pessoas comuns, anônimas, que não precisavam pertencer ao quadro social do clube. Bastava fazer parte da torcida.

Ao mesmo tempo em que o hábito de torcer era inventado, a multidão que entrava em cena precisava imaginar sua identidade. Em uma competição, os oponentes precisam afirmar suas virtudes; necessitam reforçar suas idiossincrasias. Precisam imaginar a si mesmo ao mesmo tempo em que imaginam o outro. À imprensa, cabia divulgar e ampliar essas imagens. Isso, Mario Filho soube fazer. Tendo como base a clivagem fundamental de uma sociedade moderna, ele sintetizou a sociedade brasileira em torno das torcidas do *Fla x Flu*: de um lado, a massa popular do rubro-negra, do outro o refinamento tricolor. Elite e trabalhadores no mesmo palco, seguindo as mesmas regras, mas separados nas arquibancadas.

O Flamengo venceu a ‘competição das torcidas’ – tal foi a decisão unânime da comissão julgadora que se reuniu na tarde de ontem na redação do JS... Em primeiro lugar se focalizou o objetivo da ‘competição das torcidas’: dar um novo realce aos cotejos e estimular o entusiasmo das multidões... A torcida do Flamengo que iniciou verdadeiramente a competição, apresentando cartazes, cantando hinos, utilizando-se do avião, acenando dezenas de milhares de bandeiras. Uma coisa caracterizou a torcida do Fluminense – elegância. Foram duas torcidas magníficas – a do Flamengo maior, movimentando uma *massa popular* (grifo meu) bastante mais elevada (JORNAL DOS SPORTS, 01 de janeiro de 1937)

Nos anos 1930, os códigos das identidades das torcidas foram forjados. Flamengo e Fluminense, protagonistas do futebol carioca em um momento de inflexão, passaram a ter o privilégio de representar na imprensa esportiva o mito da identidade nacional. Porém, a síntese nacional do *Fla X Flu* precisava de resultados em campo para ser transformada em imagem midiática. Nas décadas subseqüentes à

profissionalização, os dois rivais amargaram alguns jejuns de títulos.⁹ Especialmente o Flamengo, em trinta anos de profissionalismo, levou a taça de campeão para casa apenas sete vezes. Faltava ter em campo a decisão que concretizasse a rivalidade alimentada ao longo de décadas de profissionalismo. Essa decisão chegou, em 1963.

O Fla x Flu de 1963: as multidões despertaram

O Flamengo do técnico Flavio Costa disputou o campeonato carioca de 1963 sem muito brilho nas rodadas iniciais. Tendo como destaque em campo os meio-campistas Nelsinho e Carlinho, o rubro-negro vinha de uma traumática decisão em 1962, quando foi superado sem grandes dificuldades pelo Botafogo. O jovem promissor Gerson, que viria a ser uma estrela da seleção nacional nos anos 1960 e 1970, estava batendo de frente com as ordens do treinador e acabou sendo afastado do grupo profissional. O ídolo Dida, artilheiro do clube nas temporadas anteriores, era questionado por Flavio Costa e também foi tirado da equipe titular. Com um grupo renovado de jogadores, nada naquela temporada indicava que o jejum de sete anos sem títulos iria acabar. O Fluminense, por sua vez, havia montado um time para ser campeão. Contando com o ídolo Castilho no gol, e com jogadores do nível de Carlos Alberto Torres, capitão do tricampeonato brasileiro em 1970, e do atacante Escurinho, o tricolor podia facilmente encarar de igual para igual os favoritos Botafogo e Bangu. Para completar, o Fluminense ainda tinha no comando técnico o “feiticeiro” Fleitas Solich, responsável pela montagem da equipe rubro-negra no tricampeonato de 1955.

Porém, após vinte e três rodadas, tendo atingido êxitos surpreendentes como a vitória contra o Bangu, o Flamengo chegou a última rodada com a vantagem do empate por somar um ponto do que o vice-líder Fluminense. E o “*Fla x Flu* de morte”, como foi chamado pela imprensa, iniciava a semana de preparativos dividindo o espaço nos jornais com as notícias sobre o conturbado rumo político do país naquele mês de dezembro de 1963.

Fla e Flu iniciaram, ontem, o seu primeiro dia de uma semana de sofrimentos que a escaldante batalha pelo título irá provocar. Por toda cidade já não se trata de outro assunto, além da anunciada possibilidade de o deputado Leonel Brizola vir a ser o novo Ministro da Fazenda a partir do próximo dia 16 (Jornal dos Sports, 11 de dezembro de 1963).

⁹Os dois clubes não se enfrentarem em finais de campeonato carioca, o mais importante na época, não significa que não houve outros *Fla x Flus* importantes e decisivos. A Taça Gardano, por exemplo, foi disputada em uma série de dez jogos disputados entre os dois clubes nos anos 1936, 1937 e 1938. O Fluminense, vencedor da série, ficou com o troféu que até hoje é um dos maiores já entregues a um clube de futebol no Brasil. Faltava ao clássico grandes encontros em finais dos principais campeonatos.

Nos últimos meses de 1963, essa não era a única notícia que associava o político trabalhista Leonel Brizola ao futebol. Com grande prestígio entre as esquerdas e tendo fundado a Frente de Mobilização Popular, organização que reunia partidos e grupos políticos de esquerda, Brizola convocava a população para a organização de “comandos nacionalistas”. Esses comandos deviam ser formados por onze membros, assim como os times de futebol e o objetivo principal desses grupos era a luta pelas reformas de base (FERREIRA & GOMES, 2014). Brizola entendia que a correlação da luta política com o vocabulário do jogo de futebol facilitava a compreensão das camadas populares sobre as táticas de organização coletiva.

Apesar do fracasso dos “grupos dos 11”, Brizola demonstrou que estava em sintonia com a cultura política popular da época. Pois, ao mesmo tempo em que o político ia buscar no futebol as metáforas fundadoras de movimentos sociais, a imprensa esportiva fazia o movimento inverso, indo buscar nos noticiários políticos as imagens necessárias para a elaboração das polêmicas futebolísticas. Ao final de 1963, a cobertura esportiva estava repleta de referências às questões políticas. Em paralelo, a conjuntura política nacional trilhava o rumo da radicalização com o isolamento do presidente João Goulart em função do fracasso das coalizões partidárias necessárias para preservar a boa relação entre os poderes Executivo e Legislativo. Esse cenário, que combinava radicalismo político e imprensa esportiva politizada, produziu um terreno fértil para os textos do maior cronista da época: o irmão tricolor da família, Nelson Rodrigues.

Não seria nenhum absurdo especular sobre o gosto de Nelson Rodrigues pelo jogo de futebol. A deficiência visual que o impedia de ver com clareza os lances, o desprezo pelo videoteipe, a aversão à objetividade dos debates táticos indicavam que o escritor não era muito afeito ao bate-bola propriamente dito. O que Nelson Rodrigues gostava, indiscutivelmente, era de interpretar o futebol como um fenômeno social. Os aspectos culturais e psicológicos que cercavam o espetáculo eram os seus temas. E em 1963, no *Jornal dos Sports*, ele tinha a oportunidade de tratar o futebol como uma questão mais ampla do que apenas um esporte.

Na coluna “Futebol e Gente” do dia doze de dezembro, Rodrigues começou a promover o clássico. Ao longo da semana, o cronista pouco falou sobre os jogadores. A preocupação de Rodrigues era com a torcida do Fluminense. Adepto da cobertura parcial e apaixonado, Rodrigues nunca deixou de manifestar suas preferências nos textos. Angustiado com a provável minoria tricolor no Maracanã, Rodrigues passou a semana anterior ao jogo refletindo sobre o perfil social das torcidas. A identidade coletiva dos torcedores de Flamengo e Fluminense, divulgada pelo irmão Mario Filho anos antes, parecia incomodar o tricolor:

Há no Fla-Flu duas batalhas: uma em campo e outra das torcidas. Nós falamos da massa rubro-negra. Mas existe uma legião tricolor. Se por um lado o Flamengo é o mais

querido, o Fluminense é o mais amado (Jornal dos Sports, 12 de dezembro de 1963).

De alguma forma, para Nelson Rodrigues, o Fluminense devia também parecer popular. Mesmo que de maneira distinta, mesmo que preservando a origem refinada. É possível perceber nas colunas que antecederam ao clássico que, naquele momento, a marca do elitismo incomodava o escritor.

Hoje queria exaltar a plebe que em comunhão com os grã-finos morre de amores pelo Fluminense. Quando vejo o pô-de-arroz com pés descalços e esfarrapados, costume pensar: esses fizeram a Revolução Francesa! (JORNAL DOS SPORTS, 13 de dezembro de 1963)

Se nos anos 1930, exaltar o caráter elitista de uma instituição, desportiva ou não, ainda era algo plausível nos meios de comunicação, não se pode dizer o mesmo sobre os anos 1960. A experiência democrática, que permitiu o acelerado grau de organização política dos trabalhadores, e o processo de radicalização verificado no segundo semestre de 1963 exigiam dos interlocutores da mídia que falassem para o “povo”. A definição do significado social de “povo” tinha variadas possibilidades. Comunistas, trabalhistas, liberais, democratas-cristãos não compartilhavam da mesma noção de popular. Entre as lideranças políticas do período, não havia aquela que discursasse para uma camada restrita da sociedade. Carlos Lacerda, Ademar de Barros, Leonel Brizola, Miguel Arraes, Magalhães Pinto, a despeito das suas enormes diferenças ideológicas, discursavam para o povo. Todos eles sabiam que em um regime democrático, não se maximiza ganhos políticos sem a ampliação das fronteiras sociais do discurso.

Nelson Rodrigues, em meio a esse tenso processo de radicalização do discurso popular, também chamava o “povo tricolor” às arquibancadas. O “povo”, agente central daquela sociedade em transformação. Para tal, o cronista fez a convocação mais abrangente possível. Além dos tricolores vivos, grã-finos ou com pés-descalços, Rodrigues fez um apelo aos fantasmas, pedindo que os tricolores vivos ou mortos comparecessem ao estádio do Maracanã no domingo de *Fla x Flu* (JORNAL DOS SPORTS, 12 de dezembro de 1963).

Amigos, eis a cidade cálida de Fla-Flu. O Sol do clássico total ilumina e eu quase dizia incendeia as esquinas e os botecos. É o assunto dos berros e dos cochichos. Nos velórios, eis quando os vivos dão palpites sobre o jogo, o defunto amarra a cara, porque não vai domingo no Maracanã (JORNAL DOS SPORTS, 12 de dezembro de 1963).

Não só os mortos se interessavam pelo jogo. Os astros também foram convocados para antecipar o vencedor. Segundo o astrólogo Prof. Batista de Souza, “Vênus em posição sete desfavorecia o

Flamengo”(JORNAL DOS SPORTS, 12 de dezembro de 1963). O astrólogo, que na época se gabava de ter previsto a renúncia de Jânio Quadros, foi ameaçado de morte por torcedores do Flamengo e desafiado publicamente pelo goleiro Marcial, que exigiu a presença do profeta no dia do jogo. Mesmo diante da pressão dos adeptos rubro-negros, Batista de Souza garantiu: “Não tenho dúvidas da vitória do Fluminense. Tudo que faço na astrologia é rigorosamente matemático. Quem viver verá” (JORNAL DOS SPORTS, 12 de dezembro de 1963).

Usando um estilo menos dramático do que o irmão, Mario Filho, em vez de convocar os mortos, preferiu apurar a preferência dos vivos ilustres da época. Para isso, o jornalista, que dirigia o jornal, organizou uma série de enquetes sobre as preferências de membros de importantes setores da sociedade. A primeira instituição a ser consultada sobre o resultado do confronto futebolístico foi a Academia Brasileira de Letras. Os imortais fizeram prognósticos sobre a partida e a maioria manifestou preferência pelo Flamengo. Manuel Bandeira, Raymundo Magalhães e Alvaro Moreira declararam torcer pelo rubro-negro, enquanto Austregesilo de Athayde e Jorge Amado preferiam a vitória do tricolor das laranjeiras (JORNAL DOS SPORTS, 13 de dezembro 1963).

Nas Forças Armadas o resultado era o inverso. Na véspera do clássico, a manchete do JS estampava. “Flu é o favorito do Exército e da Marinha” (JORNAL DOS SPORTS, 14 de dezembro de 1963). Até mesmo a lista com os oficiais torcedores do Fluminense foi divulgada, a contento dos próprios militares, que faziam questão de manifestar seu posicionamento clubístico utilizando termos como “torcedor fervoroso” para adjetivar suas relações com as equipes. Os ministros da Guerra e da Marinha, General Jair Dantas Ribeiro e Almirante Silvio Borges de Sousa, além do Brigadeiro Afonso Costa, do General Barbosa Pinto e dos comandantes Rubens Matos, Heitor Barreiros e Jorge Paranhos, além do Coronel Fleury, fizeram questão de expressar simpatia pelo Fluminense. A favor do Flamengo, apenas o Vice-Almirante Mario Furtado de Mendonça e o Ministro da Aeronáutica Brigadeiro Anísio Botelho.

Entre os parlamentares a enquete resultou em uma vitória apertada a favor do Flamengo. Na matéria intitulada “Deputados também escolhem o Fla” (JORNAL DOS SPORTS, 13 de dezembro de 1963), cinco deputados da Guanabara manifestaram seus votos a favor do rubro-negro, enquanto três declararam preferir a vitória tricolor. Um deles, o líder udenista Celio Borja sintetizou em seu depoimento o espírito que cercava aquele evento.

O Fla-Flu transcendeu ao futebol para significar na linguagem cotidiana a oposição dos contrários em luta, a batalha e a angústia da vitória. Nós, que andamos engolfados em outros Fla-Flus, encontramos tempo para torcer pelo Flamengo (JORNAL DOS SPORTS, 13 de dezembro de 1963).

Políticos, militares, literatos e cronistas. Todos viviam em 1963 os *Fla x Flu* disponíveis na sociedade brasileira. Escolher de que lado ficar na arquibancada parecia ser uma tarefa necessária a todos.

Considerações finais

O *Fla x Flu* de 1963 terminou zero a zero e o Flamengo foi o campeão. Os rubro-negros que estavam no estádio até hoje exaltam a atuação do arqueiro Marcial, herói da conquista.

O ex-jogador Paulo Henrique, do Flamengo, relatou em uma entrevista¹⁰ recente que os jogadores que estavam em campo no dia 15 de dezembro de 1963 viam as pessoas caindo das arquibancadas durante o jogo. A força do relato é capaz de abalar qualquer pessoa. Imaginar que torcedores morriam ou se feriam enquanto o jogo se desenrolava é de uma dramaticidade típica das arenas romanas. É provável que a memória do ex-jogador, e de muitos outros presentes que garantem que houve quedas das arquibancadas, tenha sido construída na medida em que o título de maior público da história se consolidou nos últimos anos. Mas, é mais provável que a atmosfera de tensão criada pelos discursos passionais veiculados na imprensa tenha contribuído para a imagem que se criou em torno daquela partida.

Em 1963, a radicalização política da sociedade brasileira podia ser sentida em todas as esferas da vida. O futebol, um catalisador de paixões por excelência, não fugiu a regra. A imprensa esportiva, na mesma toada das rivalidades políticas, transformou o “match dos matches”¹¹ em uma questão de vida ou morte. O *Fla x Flu*, clássico síntese da sociedade brasileira, representou aquilo que era vivido nas ruas: a vontade de participar. Em 15 de dezembro de 1963, todos queriam participar do espetáculo público. Até os mortos.

Profecias, destinos, batalhas, mortes, ressurreições, literatura, parlamento, Forças Armadas, tudo isso envolveu o *Fla x Flu* decisivo de 1963. Tudo isso girava em torno dos jogos de futebol em 1963. Em 1966, dois anos após o golpe civil-militar que pôs fim às organizações políticas do regime democrático, o editorial de *O Globo* afirmava não ser correto elevar o futebol a uma questão nacional (O GLOBO, 20 de julho de 1966). Não se devia fazer tempestade em copo d’água com um jogo, alertava o texto sóbrio.

Mas, em 1963, no limiar da democracia brasileira, do *Fla x Flu* fez-se uma tempestade que transbordou o Maracanã de gente. Em 1963, o *Fla x Flu* era mais do que um jogo, era uma paixão que servia de metáfora para os anseios sociais e para a polarização política corrente. Paixão e polarização que levavam multidões para as ruas. Mas que assustavam aqueles que não gostavam de futebol.

¹⁰Entrevista disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=GubnC1OEiKA>, último acesso em 15 de abril de 2015.

¹¹Termo usado por Mario Filho para fazer referência ao jogo de 1963

Referências

ASSAF, Roberto & GARCIA, Roger. *Grandes jogos do Flamengo: da fundação ao hexa*. São Paulo: Panini Books, 2010.

COUTINHO, Renato. *Um Flamengo grande, um Brasil maior: o Clube de Regatas do Flamengo e a construção do imaginário político nacionalista-popular*. Rio de Janeiro: Editora Sete Letras, 2014.

FERREIRA, Jorge & GOMES, Angela de Castro. *1964: o golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

FIGUEIREDO, Argelina. *Democracia ou reformas?* São Paulo: Paz e Terra, 1993

FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro, Mauad, 2003.

FILHO, Oscar Maron & FERREIRA, Renato. (orgs.) *Fla-Flu... e as multidões despertaram!* Rio de Janeiro: Edição Europa, 1987.

JORNAL DOS SPORTS

JORNAL O GLOBO

MAZZONI, Tomás. *História do futebol no Brasil*. São Paulo: LEIA, 1950.

NAPOLEÃO, Antonio Carlos. *História das ligas e federações do Rio de Janeiro (1905-1941)*. In SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. & SANTOS, Ricardo Pinto dos. (orgs.) *Memória social dos esportes/ Futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: MAUAD/FAPERJ, 2006.

PALLARES-BURKE, Maria Lucia. *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos*. São Paulo: UNESP, 2005.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

SOARES, Antonio Jorge. *Futebol, raça e nacionalidade no Brasil: releitura da história oficial*. Rio de Janeiro: UGF (Tese de doutorado), 1998.

Recebido em 21 de agosto de 2015
Aprovado em 22 de setembro de 2015